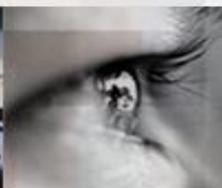




CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA-LICENCIATURA
Modalidade a Distância



Eixo IX
2010/2

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

SANDRA ZAMINHÃ MENDONÇA

(In)disciplina escolar: visão de professores e os modos de lidar

Porto Alegre

2010

SANDRA ZAMINHÃ MENDONÇA

(In)disciplina escolar: visão de professores e os modos de lidar

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Natália de Lacerda Gil

Tutora: Prof.^a Márcia Campos

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitora de Graduação: Prof^a. Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

SANDRA ZAMINHÃ MENDONÇA

(In)disciplina escolar: visão de professores e os modos de lidar

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dra Natalia Lacerda Gil

Tutora: Márcia Campos

Aprovado em ___/___/_____.

A Comissão Examinadora abaixo assinada aprova o Trabalho de Conclusão de Curso, (In)disciplina escolar: visão de professores e os modos de lidar, elaborado por Sandra Zaminhã Mendonça, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Prof.^a Dr.^a Natália de Lacerda Gil

:

Prof.^a Mariangela Kraemer Lenz Ziede

RESUMO

Considerando que o problema da indisciplina escolar é um fenômeno que vem se agravando progressivamente, o presente trabalho tinha o objetivo de investigar os significados atribuídos à (in)disciplina na sala de aula a partir da visão dos envolvidos no processo de aprendizagem, os professores. Além disso, a partir de tais significados buscou-se investigar como os mesmos lidam com tal questão. A pesquisa é de cunho etnográfico, tendo como fonte de dados questionário com respostas descritivas aplicados a Professores das Séries Iniciais da Escola Municipal de Ensino Fundamental, no município de Gravataí. O referencial teórico é baseado em autores tais como: Celso Vasconcellos, Julio Aquino, Maria Lucia Boarini, Teresa Maria Estrella, Maria Luisa Xavier, entre outros. Os resultados apontam que existe uma coerência entre os significados dados à (in)disciplina por alguns professores e a maneira como os mesmos dizem lidar com ela. Foi constatado que o fato de a visão tradicional da (in)disciplina se mostrar ainda bastante presente entre os professores, de modo que os mesmos buscam lidar com o problema da (in)disciplina tentando obter um comportamento de outrora por parte dos alunos.

Palavras-chave: disciplina; docência; escola.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1.....	9
1.1- Conceito e Histórico da Indisciplina na Educação.....	9
1.2- Fatores que Afetam a Indisciplina Escolar.....	14
1.2.1- A Sociedade e a (In)disciplina.....	15
1.2.2- A Família e a (In)disciplina.....	16
1.2.3- A Escola, o Professor e a (In)disciplina.....	17
1.2.4- O Aluno e a (In)disciplina.....	20
CAPÍTULO 2.....	22
2.1- Metodologia.....	22
2.2- Contextos, Sujeitos e Instrumentos da Pesquisa.....	22
2.3- Sentido(s) atribuído(s) à disciplina escolar a partir da visão do professor..	23
CAPÍTULO 3.....	34
3.1- Estratégias de Prevenção e Intervenção.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
ANEXOS.....	46

INTRODUÇÃO

Atualmente a educação passa por algumas dificuldades, entre as quais podemos apontar a indisciplina, que não envolve necessariamente a depredação e a violência, como um dos principais obstáculos ao exercício do trabalho docente. Aliada a essa dificuldade de atuação, há ainda a falta de conhecimento sobre o tema e a inadequação das estratégias de ensino.

Este Trabalho de Conclusão de Curso concentra a atenção em destacar alguns aspectos referentes à indisciplina em sala de aula, questão essa que tem tomado uma grande dimensão, já que se vem observando o aumento desta problemática. O tema abordará, ainda, a postura do professor frente a esse desafio e sua prática na busca de possíveis mudanças na forma de pensar e atuar, possibilitando, assim, elementos favoráveis à transformação do comportamento em sala de aula, tanto do educando quanto do educador.

Os motivos que levam à indisciplina podem ser extrínsecos à sala de aula, podemos citar como exemplos os problemas familiares; excesso ou falta de atenção familiar; fatores sociais, influência negativa de pessoas tidas como ídolos, outros. Nestes casos, o professor pouco pode fazer. No entanto, existem outras causas que resultam de disfunções entre alunos e a escola, como a metodologia inadequada do professor frente à realidade e interesses dos alunos.

O interesse por essa temática surgiu da observação de situações que acontecem dentro da sala de aula, dificultando a prática docente, interferindo diretamente na qualidade do ensino e da aprendizagem. Constatado através de experiências vivenciadas e relatos de colegas, a indisciplina em sala de aula constitui um dos desafios mais críticos com os quais os professores se defrontam constantemente. A partir desta hipótese, para dar um melhor direcionamento ao tema, que envolve inúmeros aspectos, o trabalho foi organizado buscando contemplar, principalmente, a discussão acerca dos conceitos e do histórico da (In)disciplina, bem como a reflexão sobre as intervenções pedagógicas mais adequadas.

Os elementos até aqui considerados permitem supor que não apenas professores, mas também os pais e os próprios alunos tenham um conceito estruturado acerca da (in) disciplina. Faz-se necessário rever a ideia de indisciplina e toda a dimensão que existe por trás dela.

Para que o trabalho possa contribuir na discussão desse tema, optei por refletir e analisar a questão da indisciplina em sala de aula, por entender que o comportamento inadequado do aluno não pode ser visto como uma causa da dificuldade para a prática docente. Na verdade, precisamos entender que indisciplina é a transgressão de regras construídas socialmente com base em princípios e valores que visem o bem comum e regras convencionais, definidas por um grupo com objetivos específicos.

Meu principal objetivo é compreender que fatores contribuem para o ato da indisciplina em sala de aula e que estratégias e/ou prática pedagógicas podemos utilizar no sentido de minimizar esse problema.

CAPÍTULO 1

1. 1. Conceito e Histórico da Indisciplina na Educação

Vivemos na chamada "Sociedade da informação" (Revista Nova Escola, 2009). As mudanças tecnológicas exercem uma influência no modo de ser das pessoas, na escola isso não é diferente. O aluno que obedecia tudo que lhe era imposto autoritariamente, muitas vezes sem nem saber porque, já não é tão fácil de encontrar na atualidade. Nos dias de hoje, o ensino escolar passa por um momento crítico, uma vez que a questão disciplinar vem se agravando progressivamente e, conseqüentemente, dificultando a relação professor-aluno, prejudicando o ensino-aprendizagem. Sendo assim, tal problemática vem sendo objeto de crescente preocupação no meio educacional, pois são constantes as reclamações por parte dos professores em relação às ocorrências de indisciplina na escola e em sala de aula. Manter a disciplina em sala de aula tornou-se, assim, um verdadeiro desafio para o ensino. E para poder lidar com esta questão de indisciplina é necessário, primeiramente, conhecer os conceitos de (In)disciplina, os quais podem ter enfoques diferentes conforme a visão de cada autor. Ao refletirmos sobre a (In)disciplina, estaremos nos apropriando de informações que possibilitem compreender o que hoje vem ocorrendo na escola, redefinindo ações diante esta problemática.

A palavra disciplina vem do latim: regras e condutas preestabelecidas. Ela tem dois fins: social, visa à inserção do indivíduo na sociedade, e educativo, pois é fim e meio da educação. Segundo Rego (1996, p.84), na linha vigotskiana, o próprio conceito de in (disciplina), como toda a criação cultural, não é estático, uniforme e nem universal. Desse modo, ela diz que os padrões de disciplina que pautam a educação, assim como os critérios adotados para identificar um comportamento indisciplinado, não somente se transformam ao longo do tempo, como também se diferenciam no interior da dinâmica social.

A questão relativa à autoridade também passa por esse processo cultural. A legitimidade da autoridade que se devia à ligação com o passado e com as tradições, na atualidade encontra-se estremecida devido à supervalorização do presente. A obediência às normas e regras se dava pela exigência da autoridade, agora necessita de argumentação e legitimação. A escola legitima sua

autoridade quando cumpre seu papel social e apresenta qualidade. O professor a legitima quando coloca a dimensão afetiva na relação com a classe, através do respeito mútuo e cooperação.

Os ideais disciplinares de antigamente, retirados das **Recomendações Disciplinares**, de 1922(apud Revista Nova Escola, 2009), exemplificam o processo de transformação do conceito de (In)disciplina ao longo do tempo. O trecho a seguir demonstra com clareza as normas disciplinares na escola antiga:

Os alumnos devem se apresentar na escola minutos antes das 10 horas, conservando-se em ordem no corredor de entrada para dahi, descerem ao pateo, onde entoarão o cantico.

Formados dois a dois, dirigir-se-hão depois às suas classes acompanhados de suas respectivas professoras, que exigirão deles que se conservem em silencio e entrem nas salas com calma, sem deslocar as carteiras.

Deverão andar sempre sem arrastar os pés (...) evitando o balançar dos braços e movimentos desordenados do corpo.

Em classe, a disciplina deverá ser severa:

** (...) silencio absoluto;*

** Não poderá estar em pé mais de um alumno (...);*

**Sempre que se retire da sala, a turma a deixará na mais perfeita ordem;*

** Serão retirados do recreio ou sofrerão a pena necessária os alumnos que gritarem, fizerem correrias, danificarem as plantas ou prejudicarem o asseio do pateo com papéis (...) etc;*

** Deverão os alumnos lavar as mãos e tomar água no pavimento em que funcionar a classe a que pertençam;*

** Deverão ter todo o cuidado para não molhar o chão, ainda mesmo juncto às pias e talhas (...);*

** Ao findarem os trabalhos (...), cada classe seguirá em forma e em silencio até a escada de entrada, e só na descida então se dispersarão os alumnos.*

Nota-se que, antigamente, havia um controle comportamental rígido sobre a conduta dos alunos. A disciplina era imposta à base de castigos, ameaças, medo, coação e subserviência. O

professor considerava-se como o único detentor do saber e um superior hierárquico, estabelecendo uma relação de obediência e subordinação com os alunos. O aluno disciplinado, então, era aquele que fazia silêncio absoluto, era obediente e submisso ao professor. Por outro lado, cometer indisciplina era heroísmo, uma vez que poucos alunos se aventuravam a fazê-lo.

Como a obtenção de disciplina por coação leva o aluno à heteronomia (subordinação de um indivíduo a uma lei ou vontade externa), ao invés de propiciar a autonomia (situação de quem tem liberdade para pensar, decidir, agir), a escola de outrora propiciava "a formação de uma personalidade dependente, imatura e pouco atrativa, uma vez que a pessoa se acostuma a sempre receber ordens de fora..." (VASCONCELLOS, 1996, p.63). O aluno, assim, era inserido em relações de autoridade e hierarquia, não obtendo margem à inquietação, à liberdade, ao inconformismo, enfim, à contestação. O mesmo deveria se submeter ao autoritarismo e à manutenção da ordem, sem ter o direito da não aceitação.

Este estilo disciplinar começou a ser substituído na década de 60, com a difusão da psicologia e de métodos pedagógicos que valorizavam o respeito à individualidade da criança e do aluno. Os procedimentos de punir e reprimir os alunos passaram a ser vistos como ruins para o desenvolvimento da criatividade e do espírito crítico. Já nas décadas de 70 e 80, predominava um meio termo entre o respeito à autoridade de professor e a liberdade concedida aos alunos. Nos dias de hoje, temos diante de nós outro aluno, que está chegando à escola cada vez mais cedo, com novas necessidades e novas capacidades, bem informado acerca das inovações tecnológicas, que está diretamente conectado ao mundo por diferentes redes e ferramentas, que busca nos educadores outra conscientização através da reflexão e ação diante da (In)disciplina.

Para discutirmos os significados atualmente atribuídos à in(disciplina) escolar, destacarei definições encontradas em um dos dicionários da Língua Portuguesa que registra o uso que fazemos dos termos disciplina e indisciplina. Segundo o Mini Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, Caldas Aulete, o vocábulo *disciplina* pode ser definido como:

- 1.princípios de ordem estabelecidos para o funcionamento adequado de instituição, atividade, etc. (disciplina militar).
- 2.Sujeição a esses princípios e sua observância espontânea ou imposta.
3. Disposição e constância para realizar algo, persistência.
- 4.Área do conhecimento humano, matéria de ensino."

Já o termo *indisciplina* é definido por "ato ou procedimento que contraria princípios de disciplina". Estas definições podem ser interpretadas de diversas formas. Rego (*apud* AQUINO, 1996), por exemplo, entende *disciplinado* como aquele que obedece, que cede sem questionar, às regras e preceitos vigentes em determinada organização e *indisciplinado* o que se rebela, que não acata e não se submete, nem tampouco se acomoda e que, agindo assim, provoca rupturas e questionamento. França (1996, p.139), por sua vez, entende o *ato indisciplinado* como aquele que não está em correspondência com as leis e normas estabelecidas por uma comunidade, um gesto que não cumpre o prometido e, por esta razão, imprime uma desordem no até então prescrito.

Diante das definições dos autores, podemos dizer que *disciplina* é o conjunto de regras que o(s) indivíduo(s) deve(m) obedecer e/ou respeitar para manter uma boa ordem. Seria respeito e obediência às normas. Quanto à *indisciplina*, esta seria a desobediência, o não cumprimento do conjunto de regras. Seria um comportamento contrário a uma norma social. Entretanto na educação, que é nosso foco de pesquisa, Rego (1996, p.85) diz que é comum, entre os docentes, a compreensão da indisciplina como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na falta de educação ou de respeito, na bagunça ou na agitação motora. Como uma espécie de incapacidade do aluno em se ajustar às normas e padrões de comportamento esperados. E ela diz que a disciplina parece ser vista como obediência cega a um conjunto de prescrições e, principalmente, como um pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido pela escola. É que nessa visão, as regras são imprescindíveis ao desejado ordenamento, ajustamento, controle e coerção de cada aluno e da classe toda.

Boarini (1998) assevera que o comportamento do aluno adjetivado como indisciplinado é caracterizado, segundo educadores, pela desatenção e por conversas paralelas durante as aulas, agressões verbais ou físicas aos colegas, o atraso na entrada e a pressa para sair da escola.

Segundo Vasconcellos (1996), o conceito de disciplina associado à obediência está ainda muito presente no cotidiano da escola, o desejo do professor é que o aluno fique quieto, ouça as explicações que ele tem para dar, faça direitinho os exercícios e pronto. Nesta perspectiva, observamos que para muitos docentes a indisciplina é entendida como qualquer manifestação de inquietação, conversa ou desatenção por parte dos alunos. Seria o barulho, a bagunça, o desrespeito aos horários de entrada e saída da sala de aula, a falta de atenção, a falta de limites. Apesar da

questão da disciplina ser bastante complexa, com um grande número de variáveis que influenciam o processo ensino-aprendizagem, podemos afirmar que sem disciplina não se pode fazer um trabalho pedagógico significativo.

Para a maioria dos educadores, o aluno disciplinado corresponde àquele aluno dos tempos de outrora, que deve obedecer, fazer silêncio, prestar atenção na aula, se conformar com as regras estabelecidas. Muitos docentes associam, ainda, a disciplina com a tranquilidade e passividade. Sendo assim, a indisciplina nos dias atuais, segundo Aquino (1996), poderia estar indicando o impacto do ingresso de um novo sujeito histórico com outras demandas e valores, numa ordem rígida e incapaz de acolhê-lo plenamente. O problema da indisciplina escolar poderia estar, então, no descompasso entre o novo aluno e a persistência no conceito de disciplina como um comportamento operacional padronizado.

Atualmente, os alunos são agitados, curiosos, inconstantes, invadidos por informações e vivências de uma sociedade extremamente dinâmica, o que tem influenciado o seu comportamento. Desse modo, os professores não podem esperar que eles aceitem e se sujeitem a um modelo submisso e conservador. Os professores precisam ter em mente que os tempos mudaram e a (In)disciplina, assim como os alunos, mudou. Se antigamente, disciplina equivalia ao silêncio absoluto, a disciplina desejada de hoje é a do interesse e da participação. É importante que o aluno dê sua opinião, se expresse, participe do processo de ensino-aprendizagem.

Para Aquino (1996), por exemplo, a disciplina anteriormente evocava silenciamento, obediência, resignação e, agora, pode significar movimento, força afirmativa, vontade de transpor os obstáculos:

Importante é que o aluno experimente o obstáculo, que sinta o difícil- só assim verá a necessidade de adfequar-se, de limitar-se aos processos que a matéria sugere. (...) Sem o obstáculo, sem o difícil, a necessidade de disciplina não se manifesta, e toda possibilidade de compreensão é frustrada. (Guimarães, 1982 apud AQUINO, 1996, p. 53)

De acordo com Passos (1996), a indisciplina pode adquirir um significado de ousadia, de criatividade, de inconformismo. Nesse sentido, a autora diz que o momento de construção de conhecimento não precisa ser um ato silenciado, que reduz o professor à única condição "daquele que ensina" e o aluno somente na condição de "sujeito que aprende". Ao contrário, o ato pedagógico

é o momento do emergir das falas, do movimento, da ânsia de descobrir e construir juntos, professores e alunos. Já Vasconcellos (1996) propõe que o ideal seria uma disciplina consciente e interativa, marcada pela participação, respeito, responsabilidade, construção do conhecimento, formação do caráter e da cidadania. Entretanto, Boarini (1998) alega que o educador, assim como o aluno, parece não ter claros o significado e a razão de ser da disciplina, uma vez que esta não deve ser apenas e unicamente, com silêncio, ordem e outros comportamentos do gênero. Em determinadas situações, comportamentos julgados e punidos por transgressão de normas estabelecidas, são, na verdade, sinais de autonomia, de não aceitação do arbítrio, do inconformismo

Diante de tais definições, poderíamos sugerir que o aluno contestador, que manifesta seu descontentamento, deve ser analisado para além do rótulo de aluno indisciplinado. É preciso levar em consideração que o seu comportamento pode estar indicando a necessidade de mudanças na metodologia adotada pelo professor, por exemplo. É necessário, assim, superar a noção de disciplina apenas como uma questão de comportamento, pois o "bom comportamento" nem sempre é sinal de disciplina, pode apenas estar indicando uma simples conformidade aos esquemas da escola. Além disso, deseja-se a formação de um aluno crítico, autônomo, emancipado, capaz de fazer suas próprias escolhas e, portanto, é necessário que ele atue no processo de aprendizagem, que ele dê sua opinião, tome decisões, se expresse livremente, pergunte, questione quando necessário.

É importante ressaltar que essa nova prática, que visa a romper com o método tradicional que lidava com a indisciplina através da repressão, coação e autoritarismo, não seja confundida com permissividade. Muitos professores deixam os alunos "livres" para decidir tudo e fazer somente o que acreditam ser correto, esses professores geralmente têm problemas com a indisciplina, uma vez que a liberdade sem limites e sem controle vai tomando conta das aulas.

1.2 Fatores que Afetam a (In)disciplina Escolar

Para compreendermos a problemática da (In)disciplina no contexto escolar, faz-se necessário discutir sobre os fatores que possam estar associados a ela. Tomaremos como base que a (In)disciplina escolar não apresenta uma única ou mesmo principal razão. Na verdade, as razões

ligadas a ela, conforme Vasconcellos (1995), estão entrelaçadas com a sociedade, a família, a escola, o professor e o aluno.

1. 2. 1 A sociedade e a (In)disciplina

Todo o aluno visto como indisciplinado faz parte de uma sociedade e de um momento histórico que não devem ser desconsiderados. Na realidade, Boarini (1998) destaca que não há como discutir a questão da (In)disciplina escolar sem uma leitura do que vem ocorrendo na sociedade em que a escola, a família e todos nós vivemos. Nos dias de hoje, a sociedade é marcada pelo individualismo, uma vez que o homem contemporâneo, em geral, não se interessa e não valoriza os problemas coletivos, o espaço e os bens públicos. Geralmente, ele apenas se interessa por seu mundo particular, íntimo e privado. Dessa forma, Boarini (1998) assevera que, quando a "falta de motivação" é apontada como uma das causas da indisciplina escolar, pode-se entender que as necessidades individuais do aluno não foram atendidas. Isto pode nos indicar que a valorização do individualismo na busca pela satisfação imediata pode conduzir os alunos a se comportarem inadequadamente por tentarem levar vantagem em tudo, quebrando assim, as boas regras de convivência na sala de aula.

Vasconcellos (1996), por sua vez, afirma que a sociedade vem sendo marcada pela forte indução ao consumismo. De acordo com o autor, a liberação do consumo de bens supérfluos é uma exigência do sistema capitalista para permitir a acumulação ampliada. Desse modo, percebe-se que quem "manda" atualmente na criança ou no jovem não é tanto o pai, o professor, e sim o mercado, materializado nas marcas e griffes. A sociedade, portanto, mostra-se imatura pelo alto consumismo, levando à busca da satisfação imediata, diminuindo a capacidade de tolerância à frustração e aumentando a agressividade e a violência.

Segundo Rego (1996), é comum a indisciplina na sala de aula ser vista como reflexo da pobreza e violência presente de um modo geral na sociedade e fomentada, de modo particular, nos meios de comunicação, especialmente a TV. Os alunos seriam o retrato de uma sociedade injusta, opressora e violenta. Nesta perspectiva, a autora sugere que o aluno é um indivíduo inserido num meio social que lhe proporciona condições para ele ser o que é.

Assim sendo, o comportamento indisciplinado na sala de aula pode ser o reflexo da sociedade, que nos dia de hoje é marcada pelo individualismo, consumismo, violência, pobreza. As

atitudes indesejáveis do aluno podem ser o reflexo do meio que o rodeia, porém, esta é apenas uma das dimensões do problema, não sendo capaz de explicar por completo as questões da indisciplina na escola.

1. 2. 2 A Família e a (In)disciplina

A família, primeiro contexto de socialização, exerce grande influência sobre a criança e o adolescente. As atitudes dos pais, as práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola. Coerente com esta perspectiva, Moreno e Cubero (*apud* REGO, 1996) identificaram três estilos básicos de práticas educacionais paternas para lidar com a indisciplina.

Os chamados "pais autoritários" são aqueles pouco afetuosos e comunicativos, bastante rígidos, controladores e restritivos quanto ao nível de exigência para com seus filhos. Valorizam a obediência às normas preestabelecidas, sem se preocuparem em explicar às crianças as razões das imposições e sem consultá-las acerca do assunto. Diante da transgressão das regras por parte das crianças, eles a ameaçam e infligem castigos emocionais e físicos. As crianças que recebem esta educação familiar autoritária tendem a ser obedientes e organizadas. Por outro lado, costumam também ser tímidas, com pouca autonomia e baixa autoestima. Como são privadas de entender as justificativas para as normas que lhes são impostas, tendem a orientar suas ações de modo a receberem gratificações ou evitarem castigos, demonstrando que os valores morais muitas vezes não foram interiorizados.

Os "pais permissivos" valorizam o diálogo, o afeto, interessam-se muito pela opinião da criança. São pais que têm enorme dificuldade em exercer algum tipo de controle sobre a criança, e por esta razão, são bastante tolerantes e até mesmo indulgentes em relação aos desejos, atitudes e impulsos infantis.

Muitas vezes, diante de uma situação de conflito, teimosia ou "manha", não estabelecem limites e parâmetros. Além da ausência de regras e normas capazes de nortear as ações do cotidiano da criança, esses pais não costumam exigir responsabilidade de seus filhos. Os filhos de "pais permissivos", embora mais alegres e dispostos do que aqueles que recebem uma educação autoritária, devido às poucas exigências e controle dos seus pais, tendem a ser, em geral, impulsivos e imaturos e muitas vezes não conseguem assumir obrigações.

Os "pais democrático", por sua vez, parecem conseguir um maior equilíbrio entre a necessidade de controlar e dirigir as ações infantis, de exigir seu amadurecimento e independência, e o respeito às necessidades, capacidades e sentimentos de seus filhos. Normalmente estimulam seus filhos a dar opiniões, através de um diálogo coerente e equilibrado. Apesar de demonstrarem flexibilidade e esforço em compreender o ponto de vista de seus filhos, conseguem estabelecer regras e limites claros, que são mantidos de forma consistente, conseguindo, assim, uma disciplina firme, adequada às condições e possibilidades das crianças. As crianças que recebem uma educação democrática, além de apresentar significativo autocontrole, autoestima, iniciativa, autonomia e facilidade nos relacionamentos, demonstram que os valores morais difundidos em sua família foram interiorizados: assumem posturas por seus valores intrínsecos e não pelo temor às sanções externas.

Dentre os três diferentes modelos de práticas educacionais paternas, o modelo de "pais permissivos" é o que está cada vez mais em voga no nosso meio, principalmente nas camadas médias e altas. Boarini (1998) nos diz que alguns pais têm dificuldade para impor limites, justificados pelo cuidado em não traumatizar a criança ou o adolescente, ou não limitar suas possibilidades de crescimento psicológico. Podemos então destacar que, atualmente, muitos pais evitam dizer não aos filhos, optando por um estilo de educação tão prejudicial quanto o estilo autoritário.

Diante do exposto, pode-se concluir que os pais também têm uma parcela de responsabilidade no que diz respeito à indisciplina dentro da sala de aula. É cada vez mais comum eles trabalharem muito e terem menos tempo para se dedicar à educação dos filhos, sentindo-se muitas vezes culpados pela falta de tempo, esperando que a escola assuma sozinha a função que deveriam compartilhar: a responsabilidade de passar para a criança os valores éticos e de comportamento básicos. É uma relação contraditória, pois os pais entregam a educação dos filhos às escolas, entretanto alguns consideram exageradas as exigências escolares ou sanções impostas aos indisciplinados. Ao perceberem que os pais estão sempre do seu lado, os alunos ficam com a impressão de que tudo é permitido.

1. 2. 3 A Escola, o professor e a (In)disciplina

A escola, entendida como um local que possibilita uma vivência social diferente da do grupo familiar, tendo o relevante papel de oportunizar ao aluno acesso às informações e experiências novas e desafiadoras, capaz de promover transformações e de desencadear novos

processos de desenvolvimento e comportamento, está descaracterizada. Na verdade, o papel da escola como instrumento de ascensão social e fonte privilegiada de informações vem se diluindo nos últimos tempos. Segundo afirma Vasconcellos (1996, p.23), há algumas décadas havia uma valorização social da escola enquanto instrumento privilegiado de ascensão social e o professor, que tinha uma formação mais consciente da realidade e uma melhor remuneração, era valorizado por ser mediador dessa ascensão social. Além disso, a família apoiava incondicionalmente a escola e o público alvo que a frequentava tinha maior afinidade com o tipo de saber que ali era veiculado. O autor assevera que o fator fundamental para a "crise" da disciplina na escola e na sala de aula está na queda do mito da ascensão social através da escola. Ele afirma que até algumas décadas atrás, os alunos tinham uma motivação extrínseca: "ser alguém na vida", o que se conseguiria frequentando a escola. Porém com a queda deste mito, o professor tem dificuldade em obter um comportamento adequado do aluno, não apenas na sala de aula, como no contexto escolar de forma geral.

Assim, a queda do mito da ascensão social através da educação provocou uma crise de indisciplina por ocasionar falta de motivação do aluno em adquirir o conhecimento que na escola se trabalha. Além disso, há escolas que ainda se mantêm atreladas a uma metodologia tradicional que leva os alunos a se sentirem pouco motivados dentro da escola, porque fora dela, muitas vezes sem um mínimo de esforço físico e/ou intelectual, existem mais atrativos.

Por longos anos, a escola esteve condicionada a um "modelo" de ensino massificado e padronizante, limitando o aluno, o seu impulso, para uma aprendizagem movida pela curiosidade, exploração e construção do conhecimento significativo. Neste modelo estava ausente a relação do aluno com seu ambiente, suas necessidades, realidade que o cerca e os anseios da sociedade atual. O que se percebe é que são "modelos" educacionais defasados em relação à realidade atual. O aluno da contemporaneidade é fruto de outros tempos históricos, que conduziram às inovações tecnológicas e à democracia, caracterizada pela divergência e liberdade das ideias, fato este que, às vezes, na confusão diária do ambiente escolar, não têm sido levado em consideração.

Segundo Xavier (2002, p.155), "é preciso analisar como a escola, espaço de individualização do aluno, está cumprindo na atualidade esta função, como está assumindo a intencionalidade e as implicações desta ação". A democracia na escola deve ser expressa pela negociação das formas de convivência em que configurem o respeito mútuo, elencadas e criadas por todos os sujeitos da escolas, promovendo, assim, o fortalecimento da vivência das relações democráticas, asseguradas

pela participação responsável e comprometidas com o grupo. A escola, assim, estará favorecendo o desenvolvimento da iniciativa e autonomia do aluno na medida em que problematiza, orienta e questiona as situações problemas, estimulando-o para o processo de decisão.

Diante da problemática da indisciplina, entende-se que há uma necessidade do professor assumir a responsabilidade do seu desempenho e de sua conduta profissional. O trabalho pedagógico do professor precisa ser refletido, pois muitas vezes a falta de habilidade em demonstrar ao aluno a necessidade e a utilidade do que está sendo exposto e a pouca e/ou rara preocupação em organizar as atividades didáticas de forma mais articulada e dinâmica, podem explicar o desinteresse e a falta de atenção dos alunos. Quando as atividades e metodologia adotadas pelo professor são desinteressantes e desmotivadoras, os alunos dificilmente prestam atenção e se concentram em aula. O comportamento inadequado pode, portanto, ser resultado do descontentamento do aluno em relação ao método de ensino do professor.

Vasconcellos (1996, p. 28) destaca que a visão que o educador possui de sua ação pedagógica é fundamental para a construção da relação professor-aluno. Afirma que esta visão, nos dias de hoje, encontra-se marcada pela tão debatida contradição: repressão/ liberdade. De um lado, ainda há aquele professor que atua tradicionalmente. Para ele, a única maneira de obter disciplina é através da repressão. Ele usa da autoridade para o cumprimento das regras sem argumentação. Muitas vezes por medo, o aluno se submete aos seus mandos e desmandos fazendo somente aquilo que lhe é imposto. A ação pedagógica, nesse caso, fica desgastada, pois "transforma-se numa verdadeira guerra, com seus participantes (professor-alunos) desenvolvendo um ódio surdo e paralisante que, por debaixo da falsa harmonia do respeito formal, destrói o relacionamento e o compromisso educacional" (VASCONCELLOS, 1996, p.30).

No oposto, há aquele professor que têm uma visão liberal que permite todo o tipo de manifestação dos alunos, julgando que eles devem ter responsabilidade e para isso precisam ter liberdade total. Esta prática "libertadora" exalta o descompromisso tanto do professor quanto dos alunos, pois estes podem fazer o que bem quiserem na sala (não assistir às aulas, falar à vontade, não trazer o material, dentre outros) e aquele, por não estabelecerem limites, passam a não ter como intervir, reprimir ou exercer a autoridade, perdendo o controle da aula.

Sendo assim, para o professor que só entende a educação através da repressão, qualquer comportamento do aluno que contradiz as normas estabelecidas é tido como indisciplina. Nesta

visão, o professor pode conseguir o silêncio, contudo não obtém a interação com o aluno, a isso o autor denomina de indisciplina passiva. Por outro lado, na prática liberal destaca-se a indisciplina ativa, aquela em que o aluno faz "bagunça", de modo que o professor não consegue trabalhar como deveria, pois não soube colocar limites para o desenvolvimento das atividades.

Podemos afirmar, então, que o professor tem certa parcela de responsabilidade no comportamento indisciplinado do aluno, pois quando o aluno se depara com professores cujas aulas são desinteressantes ou cuja prática pedagógica é tradicional ou liberal, ele certamente vai precisar de um esforço muito maior que o desejável para permanecer em sala de aula.

1. 2. 4. O aluno e a (In)disciplina

Nos dias de hoje, é muito comum o aluno não ter vontade de estar na escola, não ter respeito por ela e nem postura para frequentá-la. Vimos que a sociedade, a família, a escola e o professor têm, direta ou indiretamente, parcela de responsabilidade nesta postura. Entretanto, não podemos isentar o próprio aluno de ser também responsável por seu comportamento inadequado em sala de aula. Os alunos geralmente atribuem ao professor a responsabilidade de manter a disciplina, atribuindo a si mesmos um papel passivo nessa questão. Eles esperam que o professor defina os limites de comportamento e as regras. Observamos, assim, que os alunos parecem se eximir da responsabilidade dos seus atos. Segundo Vasconcellos (1996, p.98), "é importante também desenvolver o senso de responsabilidade coletiva pela aprendizagem e pela disciplina em sala de aula".

Os alunos se comportam inadequadamente por diferentes propósitos, como para testar os limites do professor, averiguando até que ponto ele permite determinados comportamentos. Esses comportamentos se expressam em atos comuns dos alunos como: fazer comentários contra o professor ou contradizer as ordens dele, se exhibir na frente dos colegas, fingirem que o professor não está presente, rir ou fazer barulhos altos, etc. Assim, o aluno também é responsável pelos problemas de disciplina na sala de aula, podendo se comportar de uma maneira indesejável por não aceitar o professor ou a sua disciplina ou simplesmente para provocar o professor, testando seus limites.

A indisciplina também pode apresentar-se como alternativa ao insucesso escolar do aluno, que procura desta forma “valorizar” a sua relação com os outros, transgredindo regras que lhes foram impostas sem consulta ou negociação, gerando conflitos, contestação e oposição, originando outras regras informais, que não se relacionam com a aprendizagem, pelo contrário, a impedem ou a perturbam. Estrela (2002, p. 57) destaca que “os alunos que se identificam com os colegas tenderão a unir-se e criar suas próprias regras e essas regras opõem-se claramente as regras estabelecidas pelo professor”.

Em síntese, observamos as dificuldades de se isolarem as razões da indisciplina escolar, pois o comportamento indisciplinado não resulta de fatores isolados, porém da multiplicidade que recai sobre o aluno ao longo do seu desenvolvimento como pessoa e como aprendiz nos diferentes contextos em que vive. Para as questões de indisciplina, é imprescindível que a sociedade, a família, a escola, o professor e o aluno busquem cotidianamente um ambiente de cooperação, em que o valor humano, o respeito, a dignidade e a integridade marquem as relações.

CAPÍTULO 2

2.1 Metodologia

Para investigar os significados atribuídos à (In)disciplina na escola, foi realizada uma pesquisa de campo. A presente pesquisa teve por objetivo analisar e discutir o(s) significado(s) atribuído(s) à (In)disciplina a partir do envolvimento do professor no processo educativo na escola e como os mesmos lidam com tal questão.

Para o presente trabalho, utilizarei a pesquisa do tipo etnográfico que, segundo André (1995, p.41) se caracteriza por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permitindo reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária. De acordo com a autora, há alguns princípios na etnografia: interação entre o pesquisador e o objeto pesquisa, ênfase no processo e não no produto, preocupação com o significado. Nesse caso, o pesquisador é o instrumento principal na escola e na análise dos dados.

Assim sendo, é um estudo do tipo qualitativo por se observar várias situações dos sujeitos envolvidos no processo.

2.2 Contextos, Sujeitos e Instrumentos da Pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Bom Jesus, sendo que a mesma situa-se num bairro de classe média baixa do município de Gravataí, com alunos oriundos de famílias constituída principalmente por uma classe operária.

Participaram como sujeitos desta pesquisa professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental I e 2 Orientadoras Educacionais. As professoras entrevistadas possuem formação acadêmica ou estão em conclusão do curso de Pedagogia, assim como, as professoras Orientadoras Educacionais, que possuem formação acadêmica em Pedagogia Orientação com Pós Graduação em Psicopedagogia Educacional, ambas em instituições particulares.

2.3 Sentido(s) atribuído(s) à disciplina escolar a partir da visão do professor

Iniciarei a análise dos dados destacando o que o professor entende por disciplina no ambiente escolar, enfocando as perguntas de número 1 (O que você entende por indisciplina?) e 2 (O que você entende por disciplina?). Abordarei estas questões por entender que ambas fornecem subsídios na conceitualização da disciplina. Os demais dados coletados na entrevista serão tratados na medida em que contribuirão para a compreensão da temática da pesquisa.

As respostas dos professores em relação à pergunta de número 1 que mais se destacaram foram as seguintes:

"Comportamento inadequado, brincadeiras fora de hora durante uma explicação, falta de respeito com os colegas e professores".

"É tudo que vai contra as regras da escola e também regras sociais".

"Todo e qualquer ato(ação) que não correspondem a normas pré-estabelecidas pelo grupo escolar ou social".

"Conversas excessivas, atitudes irônicas, falta de interesse pela aula e pela matéria".

"Brincadeira inoportuna e falta de respeito com os colegas e com os professores".

Podemos constatar a partir das respostas das professoras que elas mantêm uma consistência na conceitualização de indisciplina, demonstrando que sua conceitualização vai ao encontro do que autores como Aquino (1996) e Boarini (1998) elucidam, ou seja, que a indisciplina é caracterizada pela conversa, desatenção, brincadeira, falta de interesse. Convém ressaltar que ainda há professores que entendem a indisciplina apenas como o comportamento inadequado dos alunos, destacando exemplos como "conversa", "bagunça", "brincadeira", a "não participação na aula" e a "falta de atenção". Esse fato sugere que o comportamento indisciplinado caracterizados pelo professor, postulado na literatura, ainda está associado ao conceito de indisciplina. É relevante apontar que a "conversa" foi o item mais destacado pelos professores como comportamento indisciplinado. Precisamos, porém, qualificar o tipo de conversa que pode ser tomada como indisciplina, pois ela pode ser usada para se tratar do próprio conteúdo estudado. Nesse sentido, há alguns professores

que fazem distinção em relação à conversa, podendo ser esta “positiva” ou “negativa”. Ao professor cabe a disposição em investigar se as conversas realmente são ou não pertinentes ao conteúdo, pois o que a professora considera conversa pode ser para os alunos troca de opiniões, ideias e conhecimento em relação ao conteúdo. Dessa forma, o aluno considerado indisciplinado pela conversa pode apenas ser um aluno trocando informações sobre o conteúdo e aprendendo. A conversa “positiva” seria aquela em que apesar do aluno conversar, ele aprende, apresenta um bom rendimento escolar. Por outro lado, a conversa “negativa” seria aquela em que o aluno não aprende e atrapalha o bom andamento da aula. Sendo assim, seria importante o professor fazer uma investigação da causa das conversas “negativas” dos alunos, uma vez que vimos na literatura que à causa pode ser o próprio professor cuja maneira de dar aula pode não estar condizente com as necessidades do aluno, ou talvez sejam as condições não satisfatórias a que o ensino-aprendizagem é submetido.

É importante destacar também que, segundo os professores, os alunos indisciplinados parecem ter consciência de que seu comportamento inadequado afeta de modo negativo o processo de aprendizagem, entretanto os relatos dos professores entrevistados remetem ao fato de que mesmo assim eles continuam a se comportar inadequadamente. Este fato sugere uma reflexão, pois se os próprios alunos entendem que a indisciplina não é boa para o aprendizado deles, por que eles a praticam?

As respostas a seguir evidenciam o que os professores entendem por disciplina:

“Seguir regras estipuladas pela família, escola e sociedade”.

“Cumprimento e o respeito às regras construídas, servindo estas de base de todo convívio em sociedade.”

“Ficar em silêncio, participar das aulas, prestar atenção.”

“Comportamento adequado”.

“Conversar na hora certa, ter boa participação nas aulas, prestando atenção.”

Podemos constatar que “ficar em silêncio”, “prestar atenção” e “participar das aulas” são itens apontados pelos professores como conceitos atribuídos à disciplina. Ainda percebemos que há uma visão tradicional no conceito de disciplina, o que condiz com que a literatura postula. Esses dados demonstram que para os professores, a disciplina é caracterizada pelo aluno que faz

silêncio, executa as atividades, ouve as explicações do professor, enfim, é aquele aluno de tempos passados. Por outro lado, os dados sugerem que esse conceito tradicional parece estar sendo superado por alguns professores, que reconhecem que apesar da conversa não ser um comportamento ideal, o aluno não precisa fazer silêncio absoluto a aula toda, podendo conversar em determinados momentos.

“A conversa na hora certa também faz parte da disciplina”.

“O aluno não precisa ficar parado, mas sim ter postura em sala de aula, conversando nas horas certas”.

Tais respostas evidenciam o que vimos na literatura, ou seja, que o momento da construção do conhecimento, conforme afirma Passos (apud AQUINO, 1996), não precisa ser um ato silenciado, contudo deve ser o momento do emergir das falas, do movimento de construir juntos. Outro item igualmente apontado de modo mais recorrente na conceituação de disciplina é a participação na sala de aula. É importante ressaltar que a maioria dos professores entrevistados vêem a participação como interação, momento de se expressar e opinar, no sentido de se envolver no processo ensino-aprendizagem, questionando, indagando, pois muitas vezes um ato indisciplinado pode estar indicando a necessidade de os alunos se expressarem e opinarem mais, já que o aluno de hoje é curioso, irrequieto, ávido pelo saber.

A resposta “comportamento adequado” parece estar relacionada ao conceito de disciplina por alguns professores, que entendem por disciplina o bom comportamento na sala de aula, assim como o discurso de que aluno disciplinado é aquele que se comporta bem. Como destacado na literatura, o bom comportamento nem sempre é sinal de disciplina, pois pode indicar apenas conformidade por parte do aluno. E como se deseja formar alunos críticos e autônomos, mais importante que fazer silêncio, é o aluno atuar no processo de aprendizagem. É importante o professor levar em consideração que não adianta o aluno fazer silêncio e executar o que é pedido mecanicamente sem interagir, sem aprender efetivamente.

A professora Orientadora Educacional contribui com seu entendimento de disciplina como sendo “ações favoráveis ao crescimento do indivíduo e ao grupo no qual pertence. Seguimento harmonioso as regras construídas no ambiente”. A resposta da professora vai ao encontro do que Vasconcellos (1995) e Aquino (1996) postulam, ou seja, que a disciplina deve ser uma construção de regras participativa e interativa.

Podemos concluir, a partir dos dados, que embora haja sinais de que o sentido tradicional da (In)disciplina esteja dando lugar a um sentido mais atual por parte dos professores, a visão tradicional de (In)disciplina escolar ainda se mostra bastante evidente.

Enfocarei a seguir o entendimento que os professores têm acerca do(s) motivo(s) que leva(m) o aluno a ter um comportamento inadequado em sala de aula, reportando-me assim a questão de número 3 (Na sua opinião qual(is) motivo(s) leva(m) o aluno a ter um comportamento inadequado em sala de aula?)

“Fatores orgânicos identificados através de testagem clinica como fatores emocionais e/ou psicológicos que desencadeiam uma série de condutas diferentes”.

“Imaturidade, influência cultural e/ou familiar não condizente com a realidade social”.

“Metodologia que não vai de encontro ao interesse e/ou necessidades do aluno”

“Falta de autoridade.”

“Regras impostas”. (no sentido de não negociadas ou construídas coletivamente)

A indisciplina se manifesta de diversas formas na vida de um aluno. No entendimento dos professores entrevistados, o comportamento inadequado do aluno em sala de aula pode ser consequência de diversas situações, sejam extrínsecas ou intrínsecas, e cada uma das situações tem suas razões de existir. É importante destacar que a própria constituição física ou intelectual, como apontado pelos professores, pode provocar comportamentos inadequados. A imaturidade, a desatenção, o baixo rendimento, a incapacidade de fixação do conhecimento e a agressividade devem ser pesquisadas como sintomas de distúrbios mais profundos (quer fisiológicos, quer emocionais) que é preciso tratar, sem que as repressões ou sanções são totalmente ineficazes.

Para complementar, a metodologia e as práticas pedagógicas também são destacadas pelos professores como fatores que contribuem para o comportamento inadequado dos alunos. A própria literatura destaca que o professor deve constantemente refletir sobre sua prática, fazer uma autocrítica. Os alunos vão se interessar mais pelas aulas se o conteúdo previsto no programa escolar tiver relação com o seu dia-a-dia. Desse modo, o professor pode adotar a prática regular de examinar se os conteúdos a serem desenvolvidos estão de acordo com a realidade dos alunos e se

estes os consideram adequados para uma aprendizagem relevante e significativa. Uma sugestão para se atingir tal objetivo é que o professor procure diferenciar a aula, propondo, por exemplo, atividades com diversos materiais e instruções claras e objetivas, que colaboram para o sucesso da atividade, mantendo os alunos envolvidos com a mesma. Além disso, ele pode refletir sobre as suas atitudes e funções, buscando aperfeiçoar a sua prática, desenvolvendo assim aulas mais atrativas e condizentes com as necessidades e realidade do aluno. Ele deve procurar envolver o aluno no processo ensino-aprendizagem, fazendo-o interessar-se em aprender, pois quando o aluno se mostra envolvido e interessado na aula, ele dificilmente apresenta um comportamento não desejável.

É opinião praticamente unânime entre os professores, que o processo ensino-aprendizagem se dá de uma forma mais eficaz quando existe motivação em aprender por parte do aluno. Além da motivação em aprender, existem outros fatores que contribuem, para que o aluno tenha um comportamento adequado em sala de aula.

“Autoridade, sem autoritarismo por parte do professor”.

“Uma didática adequada”.

“Aula dinâmica, onde os alunos possam interagir entre si e com o professor”.

“Aulas diversificadas para impedir que o aluno sinta-se entediado com atividades repetitivas”.

“Autoconfiança que o professor tem que demonstrar uma vez que o mesmo é papel fundamental para uma boa participação dos alunos”.

“Busca de objetivos futuros, sejam pessoais ou profissionais”.

“Participação ativa da família”.

“Participação na elaboração de normas e regras”.

Um dos caminhos que podem transformar a concepção de que ensinar é algo difícil e pouco recompensador, é o fato de que a motivação para o aprender parte do professor, pois quando um professor prepara com cuidado os conteúdos a serem transmitidos, o aluno é capaz de entendê-los e aprender com prazer, encontrando assim objetivos em sua permanência em sala de aula, pois seu interesse pela matéria vai ser despertado, colocando-o à disposição do professor, para que este estimule sua criatividade. Para isto, convém ressaltar que o bom humor, o respeito humano, uma metodologia diferenciada e diversificada são alguns elementos indispensáveis para que o ensinar

com prazer seja atingido, fazendo assim com que o aluno mantenha um comportamento adequado em sala de aula.

Quando o professor está seguro do conteúdo, estabelece relações deste com a realidade, os alunos fatalmente se interessam pelo que está sendo apresentado e desejam se apropriar deste saber para colocá-lo em prática no seu dia a dia.

Como visto na literatura, autores como Vasconcellos (1995), França (1996), Boarini (1998) e Estrella (2002) asseveram que propiciar a participação dos alunos na elaboração de normas e regras é uma maneira de lidar com questões de indisciplina em sala de aula, incentivando a responsabilidade de cumprir as normas que foram construídas coletivamente.

Os dados analisados a seguir enfocam como o professor lida com os alunos que apresentam comportamento inadequado nas aulas.

“Chamo a atenção, caso isso não resolva, faço uma ocorrência para os pais através da orientação (por escrita). Se o caso fica mais “grave” encaminho o aluno para a Orientação Escolar”.

“Dependendo do aluno (reincidente), mando direto para a direção”.

“Chamo a atenção, anoto o nome no caderno de chamada, em alguns casos encaminho para a Orientação Escolar”.

“Chamo atenção, às vezes altero o tom de voz, ameaço com a retirada de nota”.

As respostas evidenciam que a maioria das professoras entrevistadas sugere que “chamar a atenção” dos alunos é a forma mais comum de pedir que eles prestem atenção ou façam silêncio nas aulas. Convém ressaltar que algumas dizem “chamar a atenção” de forma rigorosa, elevando o tom de voz, repreendendo severamente os alunos. De acordo com a literatura, uma das maneiras eficientes do professor lidar com o(s) aluno(s) que apresenta(m) comportamento inadequado é reagir a este comportamento inadequado através de um comentário curto ou uma curta expressão de desejo por um bom comportamento, não se alongando em seu comentário, evitando longos sermões.

Chamar a atenção dos alunos, entretanto, parece ser uma forma de lidar com comportamento inadequado momentaneamente, segundo alguns professores, pois os alunos, em sua grande maioria, após terem a atenção chamada, apresentavam um comportamento adequado, atendendo ao pedido de silêncio da professora. Porém, após um curto período de tempo, voltavam a ter um

comportamento não desejável. É importante destacar que uma professora diz lidar com o aluno que apresenta comportamento inadequado de maneira calma e ponderada. A mesma solicita que os alunos sentem, fiquem quietos e cruzem os braços. Apesar da professora conseguir que os alunos fiquem em silêncio, não é possível afirmar que essa maneira de lidar com o comportamento inadequado dos alunos seja realmente eficiente.

Convém ressaltar também que as ameaças de encaminhamento para o serviço de Orientação Escolar são o item que aparece de modo mais recorrente, sugerido pelas professoras como uma das formas de se lidar com o comportamento inadequado do aluno. Este fato sugere que as professoras fazem uso constante de ameaças. Ora ameaçam o aluno dizendo que se ele não parar de conversar, seu nome será anotado e sua nota será descontada, ora ameaçam dizendo que redigirão uma ocorrência, encaminharão para a direção ou serviço de Orientação Escolar.

A atitude do professor em ameaçar o aluno dizendo que ele perderá nota se ele não parar de conversar é contrário ao que Vasconcellos (1995) defende. Segundo o autor, tirar ponto do aluno por problema de comportamento não é sanção por reciprocidade, porque nota nada tem a ver com o problema que está se apresentando.

As ameaças não devem ser usadas como forma para impressionar ou intimidar o aluno. O uso destas ameaças, com esta finalidade, levará alguns alunos a se sentirem intimidados e, conseqüentemente, irão parar de conversar. Todavia, outros irão fazer silêncio por um momento e depois retornarão a conversar, atrapalhando o andamento da aula.

Quanto à professora Orientadora Educacional, ela responde da seguinte maneira a forma como lida com alunos indisciplinados:

“Imediata chamada de atenção, com conversas particulares”.

Novamente foi possível notar que “chamar a atenção” dos alunos é uma forma de se lidar com o comportamento inadequado, entretanto, esta professora busca, com mais frequência, lidar com a indisciplina reagindo calmamente. É relevante comentar que reagir calmamente é uma maneira que, apesar de parecer eficaz, toma certo tempo da aula, pois os alunos demoram a se ajeitarem, a se comportarem por conta própria. Quanto às conversas particulares, ela diz que nestes momentos chama a atenção dos alunos, com calma, respeito e “autoridade”, exigindo dos mesmos reflexão acerca das regras construídas por eles, solicitando respeito à aula e ao professor. Além

disso, alerta o aluno que outras medidas serão tomadas caso ele continue se comportando inadequadamente. Segundo a professora, ela destaca que na maioria das vezes este tipo de conduta apresenta resultados positivos, argumentando que o aluno passa a respeitar mais o ambiente e a professora, melhorando seu comportamento. Isto parece nos indicar que conversar com o aluno é um modo eficiente de se lidar com a indisciplina. O ideal é o professor durante a conversa com o aluno, orientá-lo, ouvir o que ele tem a dizer e não apenas repreendê-lo, ameaçá-lo como destaca Vasconcellos (1996).

É importante também destacar que alguns professores buscam primeiramente conversar com o aluno, antes de encaminhá-lo para o Serviço de Orientação Escolar ou Direção Escolar, e em relação a isto vimos que Vasconcellos (1996) elucida na literatura a qual tivemos acesso que é preferível procurar resolver um conflito em sala de aula ao encaminhar o aluno para a direção, pois este problema não é entre aluno e direção ou orientação escolar e sim entre aluno, professor e coletivo da sala. Assim, a medida de encaminhamento do aluno aos outros setores da escola deveria ser tomada pelo professor só se o aluno insistisse na indisciplina, não havendo surtido resultado outras medidas mais negociadas.

A partir da análise dos dados, podemos concluir que as professoras lidam, em um primeiro momento, com a indisciplina, chamando a atenção dos alunos. Esse modo de lidar com a indisciplina parece obter um resultado momentâneo, pois os alunos, após terem a atenção chamada, apresentavam um comportamento adequado. Todavia, depois de um período de tempo, a maioria voltava a se comportar indisciplinadamente. Por outro lado, duas maneiras que parecem ter eficácia em relação à indisciplina é a aproximação verbal e o diálogo com o aluno, como elucida Vasconcellos (1996).

Para analisar o modo como os professores lidam com os alunos disciplinados, enfocarei a pergunta de número 6 (Como você lida com os alunos que apresentam comportamento adequado em sala de aula) do questionário. Em relação às respostas das professoras, destacarei:

“Procuro atender suas expectativas”.

“Geralmente aluno disciplinado é interessado e tem um bom rendimento, então esse aluno é elogiado na entrega de pareceres”.

“Dá bônus, diz parabéns, elogia”.

“Lido com mais carinho e de vez em quando dou uma notinha a mais”.

“Dou uma atenção um pouco menor, pois sei que eles estudam em casa e prestam atenção na aula”.

“O tratamento deve ser igual para todos, mas os bons alunos são incentivados a continuar e os maus alunos a melhorar”.

Destaca-se que geralmente o professor lida com o aluno disciplinado através de “elogios”, “tratando bem” e “dando bônus”. Convém ressaltar que as professoras entendem que “tratar bem” é não gritar com o aluno, ser compreensiva e lidar com carinho. Contudo pelas respostas, podemos inferir, ainda, que de um modo geral, as professoras parecem entender que atendem as expectativas dos alunos disciplinados. Entretanto, segundo algumas professoras, há alunos disciplinados que se queixam que não estão sendo atendidos como gostariam, pois segundo relatos estes alunos disciplinados dizem não receber a atenção desejada por parte da professora haja visto que possuem um comportamento elogiável e um bom rendimento.

Isto nos indica que a professora, apesar de parecer atender à expectativa da maioria dos alunos disciplinados, tende a dar mais atenção para os alunos indisciplinados, no sentido negativo, repreendendo-os, chamando-lhes a atenção e não se ocupando daqueles que realmente se empenham mais em aprender. O dado sugere que a professora, para obtenção da disciplina na sala de aula, perde muito tempo da aula chamando a atenção dos alunos indisciplinados, comprometendo muitas vezes a aprendizagem dos demais. Assim, sugere-se que os professores façam comentários curtos ao chamar a atenção dos alunos, pois qualquer comentário extenso demais pode ser considerado interrupção pelos alunos que estão se comportando bem.

Convém ressaltar que alguns professores apontam que uma das maneiras de se lidar com o aluno disciplinado é “dando bônus”, ou seja, arredondando a nota. Esse fato sugere que a professora associa nota com comportamento. Assim, se o aluno apresenta um comportamento adequado, ele tem sua nota arredondada, caso contrário não. Outros professores, ainda, apontam que “elogiar” e/ou “parabenizar” é outra forma de se lidar com o aluno disciplinado. Elogiar o aluno parece ser uma maneira de incentivá-lo a continuar se comportando disciplinadamente, pois é uma forma de mostrar a ele que o professor reconhece e valoriza o seu bom comportamento. Além disso, elogios quando bem aceitos, tendem a aumentar a autoestima do aluno, motivando-o assim, a manter seu comportamento adequado.

Analisando as respostas dos professores quanto ao “tratar bem”, os mesmos tratam o aluno disciplinado com mais carinho, não brigam, são legais, explicam com prazer e mais atenção, ajudando-os nas atividades, sanando suas dúvidas, explicando o conteúdo. Temos novamente o elogio como um modo de lidar com o aluno de comportamento desejável, concluindo assim que o professor incentiva os bons alunos a continuarem a se comportarem através de elogios e os tratando bem. É como se em troca do comportamento disciplinado, o aluno recebesse uma atenção diferenciada do professor

Também destaco que alguns professores entendem que o comportamento adequado do aluno é um fator que os motiva a preparar a dar aula com mais prazer:

“Planejo atividades mais atrativas”.

“Seria muito mais motivador. Eu daria a aula com mais gosto”.

“Planejaria aulas mais legais”.

As respostas nos levam a refletir o que é ser professor, pois parece que para estas professoras, professor é aquele que ensina se o aluno se comporta adequadamente, caso contrário, se o aluno é indisciplinado, o professor o repreende, o pune.

Desse modo, questionando a visão de que o professor deve dar aula para o aluno que se comporta bem, indagamos, então: ser professor não seria ensinar igualmente àqueles que nos dão mais trabalho na sala de aula?

A partir dos dados referentes aos significados atribuídos à (In)disciplina nas salas de aula a partir da visão dos professores e de como os mesmos lidam/ lidariam com tal questão, podemos deduzir que o fatos dos professores ainda terem uma visão tradicional da in (disciplina) escolar leva a lidar com os alunos indisciplinados de uma forma que estes se submetam a um modelo de comportamento de tempos passados: que fiquem quietos e obedeçam ao professor sem contestar. Assim como nos tempos de outrora, há atualmente um controle comportamental sobre a conduta dos alunos.

Sendo assim, os dados evidenciam que há uma coerência entre o que os professores entendem por (In)disciplina escolar e a maneira como os mesmos lidam com tal questão, pois apresentam uma visão tradicional da (In)disciplina, e lidam com os alunos indisciplinados

estabelecendo uma relação de obediência com os mesmo, inabilitando-os ao direito da não-aceitação.

Desse modo, cabe aos professores explicitarem e refletirem sobre o que eles entendem por (In)disciplina, pois a visão que possuem parece refletir no modo como eles lidam com a mesma. O ideal, assim, seria os professores buscarem conceber uma visão mais atual da in (disciplina) para lidar com os alunos fazendo-os participar do processo ensino-aprendizagem e não os fazendo ficar simplesmente em silêncio, de forma passivamente e obediente.

CAPÍTULO 3

3.1. Estratégias de Prevenção e Intervenção

A indisciplina escolar está entre as maiores preocupações dos professores, uma vez que estes têm cada vez mais dificuldades em manter vivo o interesse do aluno. Na realidade, Lopes (2005, p.45) diz que manter a disciplina é uma arte que poucos educadores dominam e que o autoritarismo, os gritos e o “já para a direção” não funcionam mais. Sendo assim, diante de alunos cada vez mais indisciplinados, muitos professores não sabem que estratégias de prevenção e/ou intervenção podem tomar frente a tal problemática. Apresentarei, a seguir, algumas considerações sobre encaminhamentos disciplinares preventivos no meio escolar.

A participação dos alunos na construção de regras e normas é, segundo muitos autores, a melhor saída para lidar com a questão da indisciplina escolar. Vasconcellos (1995, p.85) propõe que o professor estabeleça as regras de trabalho em sala de aula conjuntamente com os alunos, através do levantamento das necessidades dos mesmos. Para ele, as regras devem ser estabelecidas e assumidas por todos. Dar aos alunos a chance de participar da elaboração de regras parece ser, portanto, uma forma de amenizar o problema disciplinar na sala de aula, pois seguir normas que eles próprios ajudaram a construir se torna mais fácil, uma vez que as mesmas vão ao encontro das necessidades deles, tornando-se sensatas e justificáveis. Lopes (2005, p.45) assevera que a melhor maneira para manter a ordem é a negociação de objetivos e regras com os estudantes que vão aos poucos aprendendo a ter disciplina.

Na reportagem de Lopes (2005), *Disciplina: é mais fácil para os alunos seguir regras que eles ajudam a criar*, veiculada na revista Nova Escola, tem-se que algumas escolas no Brasil, para reduzir os casos de indisciplina escolar, ao invés de impor normas aos alunos, criaram mecanismos para discuti-las da forma mais democrática possível. Lê-se na reportagem que uma escola criou, por exemplo, códigos internos disciplinares, que consistiam na elaboração, pelos professores e alunos, de propostas para acabar com problemas cotidianos. Os alunos listavam as infrações e definiam as sanções. A participação dos alunos na tomada de decisões é constante e a atuação dos alunos nesse código amenizou o caos na escola, pois as regras de convivência foram incorporadas. Desse forma, a escola conseguiu reduzir significativamente os casos de indisciplina, promovendo a participação

dos alunos na elaboração de normas. Indo ao encontro do que se expôs, tal procedimento mostra a grande importância de ouvir as necessidades dos alunos e pensar sobre elas, uma vez que se entende que eles também têm o direito de falar, de ser ouvidos e de dar opiniões, participar do processo educativo. Sendo assim, como a disciplina desejada nos dias de hoje é aquela que tem por objetivo formar pessoas autônomas e emancipadas, a atuação dos alunos na construção de normas transforma a escola em um espaço democrático, propiciando a participação dos mesmos e capacitando-os, assim, a fazerem suas próprias escolhas, tornando-os pessoas conscientes.

Outra questão a ser considerada, é quando a indisciplina dos alunos é sinal de que a aula não vai bem em decorrência da postura do professor. Nesse caso, é necessário que o professor reflita sobre as atividades e metodologias adotadas por ele. Sendo assim, é relevante que o professor prepare aulas diversificadas e significativas que despertem a vontade de aprender nos alunos, porque fazem sentido para ele ou porque se aproximam da realidade de seu cotidiano. Vasconcellos (1994, p.56) destaca que o professor precisa refletir sobre sua prática, fazer uma autocrítica. Ele precisa “ter uma proposta adequada de trabalho, vinculada às reais necessidades dos alunos, conteúdos significativos e metodologia participativa” (VASCONCELLOS, 1995, p.78).

Outro elemento preventivo relevante está no ambiente da escola. De acordo com Garcia (1999, p.106), o ambiente deve ser verdadeiramente humano, no sentido de construir um espaço democrático onde se cultiva o diálogo e a afetividade humana, em que se pratica a observação e garantia dos direitos humanos. Ele acrescenta que este clima caloroso pode refletir um conhecimento e preocupação quanto aos estudantes enquanto pessoas, tendo em vista suas condições concretas, individualidade e singularidades. O ambiente escolar deve estar em boas condições físicas, propiciando um clima agradável e favorável à aprendizagem. Uma sala de aula marcada pelo respeito e cumplicidade entre professor-alunos e alunos-alunos oferece maiores chances de se constituir num ambiente motivador que desperta o interesse do aluno.

Por último, categorizarei o que Vasconcellos propõe como perspectivas de ação no sentido da construção da disciplina interativa e coletiva em sala de aula. É relevante ressaltar que o autor destaca:

...1) o que apontamos aqui são algumas conclusões preliminares, provisórias portanto; 2) não se tratam de modelos ou “receitas”, mas de possíveis alternativas, que tem como

função provocar a reflexão para que o coletivo escolar busque suas próprias soluções, tendo em vista sua realidade e seu projeto educativo (VASCONCELLOS, 1995: 56)

Como o autor alega que a disciplina é uma construção coletiva, ele sugere que há necessidade do envolvimento de todos no enfrentamento do problema. Sendo assim, ele discute como os cinco fatores já vistos anteriormente (a escola, o professor, o aluno, a família e a sociedade), os quais ele aponta como fatores intervenientes no comportamento indisciplinado, podem colaborar para a construção da disciplina. Limitarei a apresentação a algumas das propostas sugeridas pelo autor que se referem ao papel da escola, ao do professor e ao do aluno na questão disciplinar, por serem as mesmas mais relevantes para o presente trabalho:

I) Por Parte da Escola:

Segundo o autor, a escola, enquanto equipe diretiva, pode auxiliar na construção da disciplina através de práticas concretas tais como:

1. Linha comum de atuação: o autor afirma que o problema da in (disciplina) não é só de um professor, mas do conjunto de profissionais e da equipe da escola e por isso ele propõe a construção de uma postura comum entre os educadores e os educandos, estabelecendo determinados parâmetros comuns para a escola (o que pode, o que não pode, o que é grave etc.)

2. Reunião Pedagógica Semanal: o autor postula que é preciso um espaço onde os professores possam estar refletindo juntos, estudando, analisando a própria prática, trocando experiências, avaliando o trabalho, dentre outras práticas escolares.

O autor sugere que ao menos em duas horas semanais, os professores de cada curso, junto com a coordenação, supervisão, orientação e direção possam estar trabalhando juntos, tendo em vista superar as necessidades da prática pedagógica. Ele comenta que o espaço de reunião é privilegiado para esta inter-ajuda entre profissionais, porém ressalta que não basta conquistar o espaço de uma reunião semanal, é preciso saber usá-lo.

3. Adequação Curricular: segundo o autor, é muito comum encontrar nas escolas propostas curriculares desarticuladas, que não favorecem um ensino participativo e significativo. Os programas, na prática, têm funcionado como verdadeiros dogmas, que precisam ser cumpridos “custe o que custar”, mesmo quando este custo implique na não aprendizagem por parte dos alunos.

O autor afirma que na proposta da escola é preciso ser levada em conta a necessidade de atividade do educando. A criança, por exemplo, em fase de crescimento e desenvolvimento, precisa de participação ativa, de movimento. Assim, ele indaga como a criança pode ser disciplinada, tendo que ficar entre 4 ou 5 períodos de aula sentadas, paradas, muitas vezes apenas ouvindo o professor falar.

Ele conclui alegando que é fundamental que se desenvolva um currículo que contemple atividades diversificadas, pois quando elas ficam concentradas na sala de aula e na passividade, a probabilidade de indisciplina é maior pelo fato de não atender às necessidades básicas da criança.

4. **Trabalhando com a Família:** o autor diz que a escola precisa investir no trabalho de formação e conscientização dos pais, que é preciso esclarecer a eles a concepção de disciplina da escola, de forma a minimizar a distância entre disciplina domiciliar e escolar.

5. **Outras Práticas:** o autor, por fim, assevera outras medidas que podem ser tomadas na escola:

- Comprometer-se com a valorização e melhoria das condições de trabalho dos educadores. Estes devem se sentir respeitados, apoiados pela escola, pois assim combate-se o problema da rotatividade dos profissionais nas escolas que tanto mal causam. Por ficarem apenas por algum tempo, muitos professores não se comprometem ou não assumem os problemas como seus;
- Estar atento aos fatores físicos: barulho externo, temperatura/ ventilação, iluminação, harmonia do ambiente, limpeza do chão, paredes e carteiras, etc.
- Abrir espaços de participação extra sala de aula: esportes, grupos de teatro, atividades artísticas, oficina que gerem renda, etc. Além do caráter formativo, isto ajuda o aluno a gostar e a cuidar mais da escola.

II) Por Parte do Professor

1. **Assumir a realidade:** o autor reconhece que atualmente há uma necessidade básica do professor assumir sua realidade, seu trabalho, pois há muitos professores que não se comprometem, não se envolvem, justificam seus fracassos em cima da responsabilidade de outros. Entendem que o

que devem fazer é apenas dar sua aula e os alunos que se virem para acompanhar, eles se recusam a fazer uma autocrítica; acham que o problema está no aluno, na família, na escola etc.

Ele elucida que o professor, que quer ser efetivamente professor, precisa trabalhar com a realidade que tem em sala de aula. É necessário o professor aceitar o aluno que tem e depois tentar mudar. O aluno, por sua vez, precisa sentir-se aceito para estabelecer relações, caso contrário se fecha e não há forma de interação.

2. Papel do Professor: o professor, segundo o autor, precisa ter clareza de seu papel, ter firmeza quanto à postura em relação à disciplina, entendendo que seu papel é legitimado socialmente, na medida em que tem como função formar as novas gerações. O professor precisa conquistar a confiança e o respeito da turma para se tornar seu legítimo organizador.

O autor afirma que ter respeito para com os alunos é uma das qualidades da postura de um educador consciente e que este também deve exigir respeito dos alunos para com os colegas e para consigo. No caso de ser desrespeitado, o professor deve procurar reestabelecer os limites e não entrar no círculo vicioso do desrespeito. Além disso, o respeito pelo aluno passa também pela boa preparação das aulas, pelo compromisso com os alunos não faltando às aulas, bem como o exercício coletivo do poder.

O autor destaca que, dependendo do tipo de curso que propõe/ impõe, o professor pode se tornar um dos mais sérios fatores indisciplinadores. Assim, para exigir disciplina, o professor precisa, segundo o autor, rever a proposta de trabalho tanto do ponto de vista do conteúdo, como da metodologia, uma vez que a criança motivada não dá problemas de disciplina.

Como visto anteriormente, o professor precisa ter uma proposta adequada de trabalho vinculada às reais necessidades dos alunos: conteúdo significativo e metodologia participativa, pois muitas vezes o aluno indisciplinado está tentado dizer alguma coisa para o professor, como insatisfação com as aulas que não vão ao encontro de suas necessidades.

Além disso, o desinteresse do aluno pela matéria pode advir do fato do nível da aula estar muito além (não consegue entender, não consegue “entrar” na aula) ou muito aquém do seu.

Para enfrentar as situações de conflito de in (disciplina) na sala de aula, o autor propõe o seguinte:

a) Enfrentamento logo no começo

O problema de disciplina, segundo o autor, não se resolve “com o passar do tempo”, porém só se avoluma, se agrava. Alguns professores não procuram tomar medidas para minimizar o problema logo no início e depois, então, se veem desesperados, pois a situação se complica e, por não terem cobrado antes, não têm moral de cobrar: “Ahhh, professor, por que eu agora, se todo mundo faz isto?” (VASCONCELLOS, 1996, p. 90)

b) Postura

Quanto à postura dos educadores no enfrentamento de situações de conflito, o autor aponta dois critérios básicos:

De acordo com o autor, o diálogo é fundamental para superação dos problemas de disciplina. Ele enfatiza que para haver efetivo diálogo, o professor precisa saber ouvir, deixar o aluno se colocar, deixar o aluno falar.

O autor sugere também que as situações de conflito disciplinares sejam enfrentadas no âmbito em que ocorrem. Assim, ao ocorrer um conflito em sala de aula, que o professor busque fazer tudo que estiver ao seu alcance para resolvê-lo nesta esfera, individual ou coletivamente. Ele argumenta que quando o professor manda o aluno para a direção, fica uma situação muito artificial, pois o conflito não é entre aluno e direção, porém entre aluno, professor e coletivo de sala. Se a dificuldade está na relação professor-aluno, ou professor-aluno-coletivo da classe, é esta que deve ser trabalhada.

Por outro lado, caso realmente seja necessária alguma intervenção externa, o autor sugere que ao invés de encaminhar o aluno para orientação/ direção, se deva solicitar que a orientação fique em classe com os alunos fazendo algum trabalho, enquanto o professor pode ter um contato mais aprofundado com o(s) aluno(s) em questão.

Quanto às sanções, assevera o autor, seu sentido deve estar no alterar a rotina para fazer pensar, para ajudar o aluno a assumir as responsabilidades de seus atos. O aluno que apresenta problemas de disciplina precisa de uma ação educativa apropriada: diálogo, investigação das causas, estabelecimento de contratos e no limite, se for necessário, a sanção por reciprocidade, qual seja, uma sanção que seja condizente com o comportamento que está tendo. O autor afirma que tirar ponto do aluno por problema de comportamento não é sanção por reciprocidade, pois a nota nada

tem a ver com o problema que está apresentando. Ele argumenta que se o aluno insiste na indisciplina, por exemplo, ele deve ser privado da convivência com o grupo, até que deseje retornar com uma nova postura.

III) Por Parte do Aluno

O aluno, segundo o autor, pode colaborar para a construção da disciplina através de:

1. Participação consciente e interativa: de acordo com o autor, a participação consciente e interativa em sala de aula é uma exigência para um ensino transformador. Ele afirma que o educando pode atrapalhar o trabalho falando demais ou de menos pois ao falar demais, compromete a participação coletiva, o fluxo de comunicação. Por outro lado, ao falar de menos, não propicia ao professor ou aos colegas a oportunidade de interação, de confronto de ideias.

O autor ressalta também a importância do aluno desenvolver o senso de responsabilidade coletiva pela aprendizagem e pela disciplina em sala de aula, não atribuindo tal responsabilidade somente ao professor.

2. Respeito: a aprendizagem do respeito – aos colegas, professor, funcionários, regras estabelecidas coletivamente – é uma das tarefas fundamentais que se coloca hoje aos educandos, destaca o autor. Entretanto, ele assevera que o “respeito” pode ser evocado pelos professores de uma maneira conservadora, autoritária, levando o aluno ao conformismo. Para evitar isto, o aluno deve estar atento à legitimidade do que é proposto, questionando, se rebelando com os limites que são injustos, arbitrários.

3. Direitos e Deveres: o autor postula que a formação da cidadania só pode se dar num contexto de exercício de direitos e deveres. Sendo assim, é desejável contribuir para que alunos desenvolvam consciência da importância de se participar na elaboração de regras, de saber trabalhar limites, prestar atenção na aula e que, ao lado de seus deveres, ele têm direito à dúvida, a um ensino de qualidade, a uma aula bem preparada.

Como podemos observar, apesar de cada autor sistematizar de modo peculiar quais componentes contribuem para lidar com a questão da indisciplina na sala de aula, podemos constatar que há vários aspectos similares entre eles.

Vimos por exemplo, que para autores como Vasconcellos (1996), Estrella (2002), Rego (1996), Boarini (1998) e Aquino (1996), propiciar a participação dos alunos na construção de normas e regras é uma maneira de amenizar o problema de indisciplina na sala de aula. Um outro elemento preventivo postulado por Vasconcellos (1995) e Xavier (2002) está no ambiente escolar que além de apresentar boas condições físicas, deve propiciar um ambiente agradável, caloroso, propício à aprendizagem. Além disso, Vasconcellos (1995) afirma que um outro elemento preventivo é o professor buscar preparar aulas mais interessantes, significativas, condizentes com a realidade e necessidades dos alunos.

E assim, com a apresentação dessas estratégias de prevenção/ intervenção na indisciplina escolar, pretendi apresentar e discutir dados que colaborem para a compreensão e a construção da disciplina, buscando amenizar este problema em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendo que o objetivo do presente estudo foi alcançado, qual fosse o de investigar os significados atribuídos à (In)disciplina na sala de aula a partir da visão do professor e a maneira como o mesmo lida com tal questão.

Conforme descrito anteriormente, os dados foram coletados através de questionário respondido pelos professores participantes da pesquisa. Esse trabalho, assim, se caracteriza como uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

Os resultados obtidos evidenciaram que embora haja sinais de que o sentido tradicional de (In)disciplina esteja dando lugar a um sentido mais atual por alguns professores, a visão tradicional da (In)disciplina escolar ainda se mostra bastante evidente. A partir dos resultados, entendo que há necessidade de se superar a noção tradicional de disciplina que a concebe apenas como uma questão de comportamento. O professor não pode esperar que o aluno, diferente em vários aspectos daquele de tempos passados, aceite e se sujeite a um modelo submisso e conservador de escola. O problema da indisciplina escolar poderia estar, então, nesse descompasso entre o novo aluno e a persistência do conceito de disciplina como um comportamento operacional padronizado.

Entendo, também, com base nas evidências apresentadas na pesquisa, que a visão tradicional da in (disciplina) que os professores têm é confirmada pelo modo como os mesmos lidam com a questão. Há por parte deles uma grande ênfase em chamar sempre a atenção dos alunos indisciplinados para que estes fiquem em silêncio, sejam obedientes e submissos a eles, se comportando da maneira como o aluno disciplinado de outrora se comportava.

Destaco que dentre os encaminhamentos preventivos de indisciplina na sala de aula, o dialogar com o aluno, orientando-o, ouvindo o que o mesmo tem a dizer seria o modo mais eficaz de se lidar com a questão, pois seria uma maneira do professor procurar entender qual é a possível causa do comportamento inadequado do aluno, o que possibilitaria um melhor entendimento de como lidar com o problema.

Espero, portanto, que o presente estudo possa contribuir, dando subsídios para que profissionais da educação compreendam melhor a problemática da (In)disciplina na sala de aula e

que, conseqüentemente, tenham uma melhor relação professor-aluno, obtendo uma maior eficácia no processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia na prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- AQUINO, Julio Roberto Gropp. A desordem na relação professor-aluno: in disciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, Julio Groppa (org) – *Indisciplina na escola/ Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.
- AULETE, Caldas. *Mini Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* – Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2004
- BOARINI, Maria Lucia. Indisciplina escolar: a queixa da atualidade. *Apontamentos*, n.69:03-18, 1998.
- CORREIA, Marinês Luiza. A trajetória da indisciplina escolar: Fenômenos que marcam o papel do diretor ao longo da história da Educação. *Revista Eletrônica de Ciências da Educação*, V.6, nº 2, Nov. 2007. Disponível em:
[HTTP://revistas.facecia.com.br/index/reped/](http://revistas.facecia.com.br/index/reped/). Acesso em: 26 de setembro de 2010.
- ESTRELLA, Teresa Maria. *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Editora Porto: Porto Editora, 2002. Porto – Portugal
- FRANÇA, Sonia A. Moreira. A indisciplina como matéria do trabalho ético e político. In: AQUINO, Julio Groppa (org) – *Indisciplina na escola/ Alternativas teórica e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.
- GARCIA, Joe. Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, nº 95:101-108, 1999.
- LOPES, Áurea. Disciplina: é mais fácil para os alunos seguir regras que eles ajudam a criar. *Revista Nova Escola*, 2005, nº. 183: 44-49, Junho/Julho de 2005.
- REGO, Teresa Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, Julio Goppa (org) – *Indisciplina na escola/ Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. São Paulo: Libertad, 1995.

XAVIER, Maria Luisa. (org) – *Disciplina na Escola – Enfrentamentos e reflexões*. Editora Mediação, 2002. Porto Alegre

ANEXOS

Prezado/a professor/a,

Tendo em vista o desenvolvimento de uma investigação sobre questões de (In)disciplina como trabalho de conclusão do curso de graduação, gostaria de contar com sua preciosa colaboração, preenchendo o quadro abaixo com as informações solicitadas e respondendo as perguntas que o seguem de forma mais completa e fiel possível.

Dados pessoais/profissionais:	
Pseudônimo: _____	Data de Nascimento: __/__/____ Sexo: () F () M
Formação: Qual: _____	
Onde: _____	Conclusão: _____
Pós-Graduação: Qual/Quais? _____	
Área/s: _____	
Onde: _____	
Conclusão: _____	
Locais de trabalho: _____	
Como e com que freqüência se mantém atualizado/a: _____	

1. O que você entende por indisciplina?
2. O que você entende por disciplina?
3. Na sua opinião qual(is) motivo(s) leva(m) o aluno a ter um comportamento inadequado em sala de aula?
4. Na sua opinião qual(is) motivo(s) leva(m) o aluno a ter um comportamento adequado em sala de aula?
5. Como você lida com os alunos que apresentam comportamento inadequado em sala de aula?

6. Como você lida com os alunos que apresentam comportamento adequado em sala de aula?
7. Como você lida com as questões de indisciplina em sala de aula?